

RAPUNZEL, NÃO JOGUE MAIS SUAS TRANÇAS!

GRACE DE BRUM CARDOSO¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – grace-bc@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Rapunzel é uma personagem feminina que geralmente é representada nos contos como uma “princesa indefesa”, principalmente na versão de 1812, no conto titulado “Rapunzel” dos irmãos Grimm. Na narrativa a personagem é descrita como uma pobre menina, obrigada a viver a sua vida ao lado de uma feiticeira, presa em uma torre, no meio de uma floresta sombria. Sem muitas perspectivas de uma vida diferente, a menina passa seus dias cantando na única janela que existia na torre até ser descoberta por um príncipe que apaixonado determina-se a salva-la e torna-la sua princesa.

A versão dos Grimm, apesar de não ser a mais antiga (cf. “Petrosinella”, de Giambattista Basile, ca. 1634/36), é uma das versões mais conhecidas do conto, que influenciou o surgimento de outras obras sobre Rapunzel como a animação “Tangled” (2010) do Walt Disney Studios. Essa narrativa animada pode ser considerada uma releitura quando analisada a partir do fenômeno da intertextualidade, que de acordo com Samayolt (2008), é a relação existente entre os textos, isto é, os textos apresentam certos traços que permitem identificar uma ligação que se dá direta ou indiretamente a outros textos. Logo pode-se afirmar que os modelos de Rapunzel já existentes surgiram da influência e/ou carregam traços das histórias mais antigas, como por exemplo, os traços da versão do conto dos Grimm de 1812.

Considerando as repetidas representações de uma princesa dentro do padrão “jovem que precisa de um príncipe encantado para mudar de vida”, este trabalho visa analisar a releitura do conto Rapunzel intitulada “Tangled” (“Enrolados” em PT), com o intuito de averiguar se em uma versão atualizada da obra é possível encontrar um novo papel do personagem feminino. Este papel será analisado a partir das concepções de gênero entendidas por Scott (1995) como a (re)construção da identidade através da influência das convenções sociais.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi construído através de uma análise comparativa entre duas obras “Rapunzel” (1812) dos irmãos Grimm e a animação “Tangled” (2010) da Walt Disney Studios. Realizou-se a análise em dois momentos: em uma fase inicial comparou-se os traços intertextuais das obras, tendo como destaque a relação existente entre as protagonistas. No momento seguinte, o foco da análise passou a ser a personagem de “Tangled” com o intuito de verificar e discutir as características atribuídas a essa nova personagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao comparar o conto “Rapunzel” com a animação “Tangled” pode-se visivelmente perceber a relação direta da animação com o conto: o cenário bem

como os personagens foram mantidos tal como no conto dos Grimm. Encontra-se a princesa, representada nas duas obras como Rapunzel, a feiticeira e a torre, e também a figura masculina demarcando, assim, os traços nítidos da intertextualidade. Porém, ao colocarmos em análise as personagens principais, ou seja, as 'Rapunzeis' pode-se perceber que apesar de representarem uma mesma princesa, elas apresentam papéis diferentes nas obras, isto é, são destacadas de formas distintas. Enquanto na obra dos Grimm nota-se uma princesa que não representa ação, que não possui um papel ativo na narrativa, tão pouco é apresentada na obra como outra coisa, se não uma bela jovem, encontra-se na animação uma descrição detalhada de uma menina ativa que gosta de ler, pintar, escalar e que não se conforma de ficar presa em uma torre. O que já demonstra um primeiro indício de reconstrução da personagem pelo simples fato de não aceitar um destino imposto e sem ao menos questioná-lo.

Distanciando-se ainda mais da obra dos Grimm, a animação destaca Rapunzel não como uma menina que estava esperando ser salva ou ao aguardo de um príncipe encantado, mas sim como a jovem que além de ter um sonho, um objetivo, deseja se aventurar saindo da torre, deseja conhecer o mundo. Enquanto a personagem dos Grimm apresenta a conformidade de não poder mudar seu destino, seguindo assim o padrão apresentado por grande parte das obras quando o tema é "Princesas", a personagem da animação questionou e pediu inúmeras vezes para a feiticeira para deixá-la sair, pois ansiava pela sua liberdade, ainda que, assim como a personagem no conto dos Grimm, não tivesse uma noção de como seria a vida fora da torre.

Em "Tagled", Rapunzel deixa de ser a princesa com um destino imposto e passa a ser representada como a jovem que luta por mudanças e entra em conflito consigo mesma em busca de respostas para o que pode ser definido como certo ou errado. A menina conhece o mundo apenas através da perspectiva da feiticeira, que assume o papel de sua mãe e alega que além de ter mais conhecimento, a mantém na torre para a sua segurança. Porém os argumentos da feiticeira não são o suficiente para convencer a princesa e suas ações não foram o suficiente para conseguir acalmar seus pensamentos e sua sede por liberdade.

A princesa mostra-se não como uma personagem frágil, mas sim forte e decidida, que por estar presa em uma torre, necessita desempenhar todos os papéis sociais, realizando diversos tipos de trabalhos: desde braçais que geralmente são realizados por uma figura masculina, até os do lar que são realizados por uma figura feminina. Ou seja, a animação aborda uma desconstrução de papéis e atribui tudo a uma só personagem, que é uma mulher e que é uma princesa. Ao longo desta também são detalhadas, e de certa forma destacadas, as conquistas da personagem fora da torre e o quão orgulhosa a jovem se sente quando percebe que é capaz de realizar as ações sozinha, sem precisar de uma figura masculina.

Este afastamento da figura masculina também pode ser considerado parte da reconstrução da personagem. Na obra dos Grimm, o príncipe contou a verdade sobre o mundo para Rapunzel que simplesmente se apaixonou e esperava recebe-lo sempre na torre. Em "Tangled", a personagem ressalta que seu maior desejo é sair da torre e obriga o rapaz a acompanhá-la, sendo totalmente independente para sair de lá, isto é, o jovem, que na animação não é príncipe, acompanha Rapunzel em sua jornada, porém não a ajuda, pois ela faz tudo sozinha, ela é o seu guia, assumindo assim o papel que seria, normalmente em outras obras, atribuído ao príncipe.

Essa minimização do personagem masculino ajuda a compreender o título da animação “Tangled” ou “Enrolados”, pois a relação estabelecida entre a princesa e o rapaz não se dá através da elevação de algum dos lados e sim da cumplicidade dos dois. Rapunzel estabelece um acordo com o rapaz, que inicialmente não queria acompanhá-la, e juntos iniciam uma jornada para realizar o sonho da princesa. Ao longo deste período Rapunzel enfrenta diversos sentimentos como sentir-se apaixonada, como passar por a sua primeira decepção e também duvidar da sua realidade devido às influências da feiticeira. Esses conflitos internos também são considerados fundamentais para compreender esta nova personagem: uma jovem que se aproxima mais do público consumidor dos Studios.

A reconstrução de Rapunzel se concretiza no final da animação, em que a princesa além de ser a protagonista de todas as ações, retorna ao seu reino e assume o poder sozinha. Rapunzel se casa, mas não com um príncipe e sim com o jovem foragido do reino que a acompanha ao longo de sua jornada. A animação ainda destaca que é a princesa que beija o rapaz e não ao contrário como se é esperado no tradicional “o príncipe beija a princesa”. Também é possível notar uma nova forma atribuída à personagem: Rapunzel não tem vestidos e cabelos longos ou loiros, ela passou a ser a princesa com o cabelo curto, acima dos ombros, negros, desconstruindo a figura da princesa idealizada.

4. CONCLUSÕES

Considerando a função social das questões relacionadas ao gênero pode-se afirmar que houve uma reconstrução da personagem Rapunzel em “Tangled”. Já não há mais espaço para um modelo de princesa indefesa. Também pode-se perceber uma queda, uma descentralização do papel masculino, a princesa não precisa mais do príncipe encantado, a figura masculina perde o papel de herói e passa a ser apenas um personagem na história.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAMOYAULT, T. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

GRIMM. Rapunzel (1812). In: GRIMM, J; GRIMM, W. **Kinder- und Hausmärchen**. Vol. 1. Stuttgart: Reclam, 2010, p. 84-88.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p.71-99.

GRENO, Nathan; HOWARD, Byron. **Tangled**. EUA: Walt Disney, 2010. (100min)